

# **FEMINISMO NEGRO: UMA CONTRA NARRATIVA AO RACISMO BRASILEIRO**

*Black feminism: an alternative speech to brazilian racism*

*Yarlenis Ileinis Mestre Malfrán*

 <https://orcid.org/0000-0003-1923-4811>

Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas, Florianópolis, SC, Brasil. 88.040-900 – [ppgich@contato.ufsc.br](mailto:ppgich@contato.ufsc.br)

*Mara Coelho de Souza Lago*

 <https://orcid.org/0000-0001-5111-8699>

Universidade Federal de Santa Catarina, Departamento de Psicologia, Florianópolis, SC, Brasil. 88.040-900 – [psicologia@contato.ufsc.br](mailto:psicologia@contato.ufsc.br)

Um livro tem muitas formas de nos afetar, de ecoar na subjetividade de quem o lê. Na perspectiva de uma das autoras desta resenha, ele ressoou desde sua condição de estrangeira. Assim que se chega com a credencial de cubana à “Ilha da Magia” pós-golpe de 2016, seguido da prisão de Luís Inácio Lula da Silva e da eleição de Jair Bolsonaro, você aprende que se tornar invisível em alguns espaços vai lhe proteger de certos incômodos, especialmente quando sua presença sinaliza o encontro com formas perturbadoras de alteridade, no caso, o espectro do comunismo.

Acreditamos que o livro da Djamila Ribeiro (2018) permite fazer *insights* em torno a esse argumento: construir um território como perigoso é a condição para manter formas de dominação colonial. A imposição de lógicas coloniais pressupõe que são válidas apenas algumas visões de mundo bem como os sujeitos hegemônicos que as corporificam, enquanto outras/os são desautorizadas/os e subalternizadas/os. Ao trazer esse confronto, consideramos que o livro se insere nos debates contemporâneos sobre racismo enquanto efeito de uma matriz colonial geradora de formas de apagamento, marginalização e extermínio político no contexto brasileiro atual.

É importante frisar o quanto a escrita de Djamila Ribeiro (2018) vem desafiando as normas hegemônicas da academia ocidentalizada, no sentido de não aderir a uma pretensão positivista de neutralidade. As reflexões deste livro não trazem falsas promessas de transcendência nem de relativismo (HARAWAY, 1995). Se algo distingue a escrita feminista negra de Ribeiro (2018) é seu caráter de escrevivência, no dizer da Conceição Evaristo (2007).



Esta obra está licenciada sob uma [Creative Commons - Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)

Militar, escrever, (r)existir e teorizar a experiência constituem um exercício de afirmação da negritude enquanto episteme e possibilidade de existência, apesar desta ser negligenciada pela colonialidade do ser, do saber e do poder (MIGNOLO, 2009).

Ao falar em rupturas dos modos tradicionais de se produzir um livro, é importante frisar que o presente não tem exatamente a estrutura de capítulos pensada numa ordem temática sequencial. A obra de Ribeiro (2018) é composta por diversos ensaios escritos para o blog da revista *Carta Capital*<sup>1</sup>, nos quais a autora revela seu posicionamento como feminista engajada na luta antirracista. O reencontro de um mesmo tema em muitos dos ensaios é uma marca deste livro, e pode ser entendido como um ponto forte ou um desafio, dependendo de quem os lê.

Tendo em conta a extensão dos textos e os limites de uma resenha, optamos por nos concentrar em ensaios que dialogam mais diretamente com o que acreditamos ser um argumento central no livro: o papel das tecnologias de gênero (LAURETIS, 1987)<sup>2</sup> – que no Brasil contemporâneo reproduzem o racismo e tentam deter o potencial disruptivo do feminismo negro na luta antirracista. Fazem parte dessas tecnologias racistas as mídias hegemônicas que se expressam através do humor, por exemplo. A cumplicidade da mídia com narrativas racistas é exposta sem condescendência pela autora. A objetificação da mulher negra no Carnaval ou a narrativa que atribuiu ao goleiro Barbosa uma imagem de fracasso nacional – desestimulando que meninos negros se enxerguem como goleiros nessa prática esportiva – são exemplos dessa necessária exposição. É através da problematização desses dispositivos (FOUCAULT, 1992) que a autora nos oferece uma cartografia dos diferentes interstícios da sociedade brasileira nos quais o racismo se faz presente.

Nosso convite à leitura foca no argumento acima mencionado e na expectativa de que as/os leitoras/es antes de terem medo do feminismo negro, se afetem com o racismo que não só retira humanidade de certos corpos, como autoriza sua morte. Como aponta a própria autora, é preciso acabar com a seletividade da indignação. Ao refletir sobre o caso da jornalista Maria Júlia Coutinho no *Jornal Nacional da Rede Globo* de televisão, Ribeiro coloca o dedo nessa ferida: “já estamos fartas de campanhas que não mexem nas estruturas e não questionam privilégios. Não adianta se revoltar com as ofensas que Maju sofreu julgando que são coisas isoladas [...] e se calar quando é com o porteiro, com o menino da periferia” (RIBEIRO, 2018, p. 70-71). Dentro desse quadro de reflexões que apontam para o caráter seletivo da comoção brasileira e do modo em que isso é usado pelas mídias, é fundamental o ensaio “Vidas negras importam ou a comoção é seletiva?”. Neste texto é possível advertir o quanto as necropolíticas estatais (MBEMBE, 2018) ganham concretude nos corpos dos jovens negros brasileiros. Logo, se esses corpos são inscritos no terreno do monstruoso se justifica seu extermínio, assim como a ausência de comoção que Ribeiro (2018) denuncia.

Ao nos conduzir para esse debate, Djamila se mostra atenta às sofisticadas tecnologias coloniais que estabelecem a branquitude como norma, resultando em um livro que contesta e

---

<sup>1</sup> Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/>.

<sup>2</sup> Baseamo-nos na ideia de tecnologias de gênero desenvolvida por Teresa de Lauretis para pensar os diferentes dispositivos que produzem representações e narrativas, neste caso, com foco na questão racial.

aponta as falhas do projeto colonial. Como disse Djamila em referência a si própria “a neguinha lá da frente tinha se mostrado mais esperta do que eles” (RIBEIRO, 2018, p. 8). Já no primeiro ensaio da obra, a autora nos faz mergulhar nos efeitos de subjetivação dessas tecnologias racistas. Se pensarmos neles via Frantz Fanon (1968), é provável que entendamos a colonialidade como “a negação sistematizada do outro, uma decisão furiosa de recusar ao outro qualquer atributo de humanidade” (1968, p. 212). O confronto do sujeito cuja existência é negligenciada pela norma colonizadora, evidencia-se na seguinte referência:

não sabia por que sentia vergonha de levantar a mão quando a professora fazia uma pergunta já supondo que eu não saberia a resposta [...] eu me sentia estranha e inadequada, [...] fazia as coisas no automático, me esforçando para não ser notada [...] precisei insistir pra fazer a leitura principal no Dia do Livro. A professora havia escolhido uma colega de classe branca de cabelo liso que não lia bem. (RIBEIRO, 2018, p. 7, 11, 12).

A questão apresentada nestas cenas permite enxergar tanto os efeitos subjetivos do racismo quanto as micropolíticas dos corpos negros, femininos e empobrecidos resistindo em espaços como a escola. Em um conjunto de outros ensaios, Djamila nos ajuda a situar essas cenas individuais num quadro histórico, cultural e político mais amplo. Conforme explica nos textos “O verdadeiro humor dá um soco no fígado de quem oprime” e “Mulher negra não é fantasia de carnaval”, não existe neutralidade no humor que se faz, ele carrega consigo “o discurso do racismo, do machismo, da homofobia, da lesbofobia, da transfobia” (RIBEIRO, 2018, p. 31). Nesse sentido, a mídia torna-se uma aliada na produção de imagens e narrativas que ao mesmo tempo em que estigmatizam a estética negra, colocam justificativas que tornariam admissíveis tais atos de racismo.

Da mesma forma, a autora denuncia a performance racista da comediante Kéfera Buchman que sustenta o racismo no discurso de “tá liberado, é Carnaval” (RIBEIRO, 2018, p. 49). Dentre os episódios que evidenciam a convivência das mídias hegemônicas brasileiras, incluem-se também os ensaios “Quando opiniões também matam”, “Seja racista e ganhe fama e empatia” e “Zero Hora, vamos falar de racismo?”, respectivamente. Para além destes três ensaios, soma-se o intitulado “Eduardo Paes e a desumanização da mulher negra”. É quase impossível não se revoltar com a leitura do texto que expõe o tratamento extremamente racista e desumano de uma figura política conhecida, dirigido a uma mulher negra.

O argumento que sustenta o racismo nestes casos, é a ideia da “liberdade de opinião”, que disfarça o discurso de ódio para com as pessoas negras no Brasil. O ódio, para se cobrir, conta com as prerrogativas de isenção da responsabilidade de publicações assinadas por terceiros e da disseminação da informação de interesse público de jornais de ampla circulação. Nem a mídia nem a arte são isentos de responsabilidade nas narrativas que reproduzem. Essa análise é ampliada no texto “Repúdio ao *Blackface*”, no qual Ribeiro compartilha as críticas que recebera a companhia teatral *Os Fofos Encenam*, tendo como motivo a apresentação da peça *A mulher do trem*. Na perspectiva da feminista norte-americana Patrícia Hill Collins (2000), a obra estaria reproduzindo as imagens de controle das mulheres negras que as reduzem ao papel de

doméstica, promovendo representações esdrúxulas das mesmas. Veja-se então que estas ideologias ultrapassam contextos, o que evidencia seu caráter de serem ferramentas coloniais do amo (LORDE, 2013).

A retórica do racismo reverso que Djamila Ribeiro (2018) discute em outro de seus textos forma parte das estratégias que, no contexto brasileiro, tentam dissimular o racismo estrutural atuante em diversas esferas da sociedade. A autora tensiona o caráter insustentável desta narrativa do racismo reverso por meio das seguintes interpelações: “*brancos são mortos por serem brancos? São seguidos por seguranças em lojas? [...] quem detêm os meios de produção?*” (RIBEIRO, 2018, p. 41-42, grifos das autoras). A autora ainda problematiza a estigmatização das religiões de matriz africana como outra das faces desse racismo estrutural.

Não é possível se furtar a leitura de qualquer dos textos que compõem este livro. Em uma sociedade em que os critérios de estratificação da humanidade tornam possível o racismo de um modo tão evidente, mas ao mesmo tempo, dissimulado e tosco, são mais do que urgentes análises como as de Djamila Ribeiro (2018) em sua obra. Parte desse projeto colonial que mantém o racismo vivo, é apresentar o feminismo negro e àquelas que aderem a ele como vitimistas ou agressivas. A pergunta que a autora coloca no título do livro – “*Quem tem medo do Feminismo Negro?*” – tem uma potência política para se pensar não apenas nas tecnologias que agem em favor do racismo, mas também nos privilégios de alguns que tornam possível a existência de multidões de desprivilegiados habitando o mesmo país. Privilégio é um termo amável demais que continua a disfarçar o quanto este debate é sobre direitos, fundamentalmente o direito de ser considerado humano. Aquelas/es que continuam a se colocar do lado dos que tem medo do feminismo negro, provavelmente são os que usufruem de um projeto racista que, em defesa dos direitos de alguns, emudecem, subjugam e subalternizam outras/os.

## Referências

COLLINS, Patricia Hill. *Black Feminist Thought: Knowledge, Consciousness, and the politics of Empowerment*. Nova Iorque: Routledge, 2000.

EVARISTO, Conceição: Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita. In: ALEXANDRE, Marcos A. (Org.). *Representações performáticas brasileiras: teorias, práticas e suas interfaces*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2007, p. 16-21.

FANON, Frantz. *Os condenados da Terra*. Trad. de José Laurênio de Melo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

FOUCAULT, Michel. *El orden del discurso*. Buenos Aires: Tusquet Editores, 1992.

HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 5, p. 07-41, 1995.

LAURETIS, Teresa. A tecnologia do gênero. In: LAURETIS, Teresa. *Technologies of gender*. Indiana: University Press, 1987 p. 1-30.

LORDE, Audre. Mulheres negras: As ferramentas do mestre nunca irão dismantelar a casa do mestre. Trad. de Renata. *Geledés* [online], São Paulo, 10 jul. 2013. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/mulheres-negras-as-ferramentas-do-mestre-nunca-irao-dismantelar-a-casado-mestre/>. Acesso em: 04/09/2018.

MBEMBE, Achille. *Necropolítica*. Biopoder, soberania, estado de exceção, política de morte. Trad. de Renata Santini. São Paulo: n-1 Edições, 2018.

MIGNOLO, Walter. La Idea de América Latina - la derecha, la izquierda y la opción decolonial. *CyE*, [online] Ano I, n. 2, p. 252-276, Primer Semestre, 2009. Disponível em: <http://biblioteca.clacso.edu.ar/ar/libros/secret/CyE/CyE2/09idea.pdf>. Acesso em: 04/07/2017.

RIBEIRO, Djamila. *Quem tem medo do Feminismo Negro?*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

## NOTAS DE AUTORIA

**Yarlenis Ileinis Mestre Malfrán** (yarlenispsicodecuba@gmail.com) é doutoranda no Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas da Universidade Federal da Santa Catarina. Possui graduação em Psicologia pela Universidade de Oriente, Santiago de Cuba (1999), mestrado em Intervenção Comunitária pelo Instituto Superior de Ciências Médicas Habana/Cuba (2004). Atualmente pesquisa acerca de políticas públicas de saúde em Cuba. Bolsista PEC-PG/CAPES (2017-2021).

**Mara Coelho de Souza Lago** (maralago7@gmail.com) é Doutora em Psicologia da Educação pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), é Professora Titular aposentada da UFSC, atuando na qualidade de Professora Voluntária, nos quadros de docentes permanentes dos Programas de Pós-Graduação em Psicologia (PPGP/UFSC) e Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas (PPGICH/UFSC). Interesses de pesquisa e docência: estudos de gênero, psicologia social, interdisciplinaridade, com publicações de livro, coletâneas e artigos voltados a esses campos de conhecimentos.

### Como citar essa resenha de acordo com as normas da revista

MALFRÁN, Yarlenis Ileinis Mestre; LAGO, Mara Coelho de Souza. Feminismo negro: uma contra narrativa ao racismo brasileiro. *Anuário de Literatura*, Florianópolis, v. 24, n. 2, p. 196-201, 2019.

### Contribuição de autoria

**Yarlenis Ileinis Mestre Malfrán**: concepção, elaboração do manuscrito, redação, discussão de resultados.

**Mara Coelho de Souza Lago**: concepção, elaboração do manuscrito, redação, discussão de resultados.

### Financiamento

Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) – Código de Financiamento – 001.

### Consentimento de uso de imagem

Não se aplica.

### **Aprovação de comitê de ética em pesquisa**

Não se aplica.

### **Licença de uso**

Este artigo está licenciado sob a [Licença Creative Commons CC-BY](#). Com essa licença você pode compartilhar, adaptar, criar para qualquer fim, desde que atribua a autoria da obra.

### **Histórico**

Recebido em: 08/07/2019

Aprovado em: 23/09/2019

